



APRENDENDO A DESORGANIZAR UM SISTEMA¹

Bruna Havresko²

Níncia Cecília Ribas Borges Teixeira³

RESUMO

A fotografia artística é mais conhecida atualmente como fotografia criativa. A maneira como cada pessoa observa e as representações que esta fornece, permitem-no criar uma nova concepção sobre cada imagem e ângulo, divergindo-se, dessa forma, de uma representação comum para uma indagação pessoal e única. Para tanto, fez-se necessário um entendimento sobre a produção fotográfica da imagem analisada. A pesquisa busca fazer a representação semiótica da fotografia proposta no trabalho. Para isso, serão utilizados pressupostos teóricos ligados a Semiótica peirceana.

PALAVRAS-CHAVE: Fotografia Artística; Semiótica; Comunicação; Percepção

1. INTRODUÇÃO

O olhar fotográfico é determinado pelo rompimento da passividade do olhar comum e instantâneo para conquistar um olhar crítico. A maioria das pessoas olha sem ver, ou seja, não analisa as formas, cores e iluminação. Aqui, pretende-se ver além do olhar, mostrando o poder das imagens perante uma construção consciente de sentido.

Na fotografia, a ligação entre o objeto e a imagem é existencial por ter se originado de uma relação de causalidade a partir de leis óticas, dessa forma, o fotógrafo acaba sendo o artista mais rápido que existe. Essa rapidez executada pelo mesmo representa uma enorme responsabilidade, pois conseguir o momento certo, a expressão ideal e um ótimo enquadramento, é o que o aproxima do denominado fotógrafo-artista.

¹ Trabalho submetido ao XVII Prêmio Expocom 2010, na Categoria Áreas Emergentes, modalidade Fotografia Artística.

² Aluna do 4º ano de Comunicação Social – Publicidade e Propaganda da Universidade Estadual do Centro-Oeste – UNICENTRO; E-mail: brunah89havresko@hotmail.com

³ Professora Doutora do Departamento de Letras da Universidade Estadual do Centro-Oeste (UNICENTRO). Pós-Doutora em Ciência da Literatura (UFRJ); E-mail: nincia@unicentro.br



A fotografia artística é a valorização da imagem por meio da imitação estética da pintura, sendo uma imagem que transmite toda a emoção do fotógrafo trilhando por percursos e temáticas diversas, ele se difere da pintura principalmente pela rapidez na execução da obra, ou seja, na fotografia a composição, temática, tendências, emoções e influências são similares as da pintura. Dessa forma, levando esse preceito e tirando as técnicas e materiais usados, o que difere essas duas artes é o “clik” da máquina fotográfica.

Para Lucia Santaella, a fotografia pode ser vista como o protótipo do signo indicial, uma vez que esta ligada diretamente com seu objeto referente. Segundo a autora:

[...] por uma relação temporal, espacial ou causal, que dirige a atenção do receptor diretamente e sem reflexão interpretativa do veículo do signo para o objeto. Signo e objeto se constituem, assim, um par orgânico, cuja ligação existe independente de uma interpretação (terceiridade) e é percebida pelo intérprete apenas como uma realidade já existente (SANTAELLA, 2001, p 148).

Seres humanos são propensos a serem influenciados por suas próprias sensações. Para isso, é preciso aguçar os sentidos pessoais para poder perceber melhor o que nos rodeia culturalmente e assim interagir com todos os elementos. A percepção humana desenvolve-se juntamente com nossos sentidos e em atividade um com o outro, amplia-se o campo de sensações e de visão do que realmente existe e que normalmente não é possível de se ver.

2. OBJETIVO

A semiótica tem por objetivo investigar qualquer fenômeno como participante de significação e sentido. Segundo o conceito clássico da teoria semiótica de Charles Sanders Peirce, signo é algo que, sob certo aspecto ou de algum modo, representa alguma coisa para alguém. Pode ser uma palavra, uma imagem, um gesto, um som, enfim, qualquer representação que signifique algo para outra pessoa.

Para Santaella (2007), o signo só existe em função da mente interpretante, pois ele precisa produzir nesta mente um objeto, sendo no homem e pelo homem realizado o processo de alteração destes sinais, dessa forma chegamos às formas mais diferenciadas de linguagem, como a das máquinas, do corpo, dos ventos e até mesmo do silêncio. Os



procedimentos e estudos da ciência dos signos, são conceitos não fechados e divididos em dois seguimentos: o da língua e da linguagem.

A lingüística é responsável pelas concepções no estudo da língua, já a semiótica relata estudos sobre o não-verbal adentrando a lingüística. A linguagem envolve a sua forma verbal articulada como também a comunicação através de imagens, sinais, setas, gráficos números e até mesmo luzes. Nós criamos e reproduzimos tanto com a língua, como com a linguagem, pois a segunda é uma forma social de significação e também de comunicação, que se constitui como representação do mundo.

Aqui tratamos da construção de uma imagem com o objetivo de revelar uma crítica a sociedade do consumo. Além de uma criação de fotografia artística, tratamos de uma análise semiótica da mesma, adentrando todas as propostas de significação e comunicação

3. JUSTIFICATIVA

Perceber é um processo o qual o indivíduo reconhece, organiza e interpreta todas as informações que estão em sua maioria imperceptíveis à primeira impressão. Esse processo implica na proximidade com o elemento no tempo e no espaço. É o resultado adaptativo baseado na cultura, cada povo tem a sua própria interpretação da existência de elementos e seus significados. Por intervenção de alguns estímulos, a percepção pode ser moldada e aderir outras interpretações.

Nesse estudo, dá-se uma imagem, criada para a sociedade contemporânea. Por meio dessa imagem, pretende-se transparecer uma forma de realidade moldada. Para tanto, fez-se necessário um entendimento sobre a produção fotográfica da imagem analisada e sua representação semiótica.

4. MÉTODOS E TÉCNICAS UTILIZADOS

Dentro da semiótica, a fotografia funciona ao mesmo tempo como índice e ícone. Dessa forma Schaeffer (1987, p59 apud SANTAELLA e NOTH) definiu a imagem fotográfica como “ícone indexical”. A iconicidade fotográfica pode ser comprovada por meios geométricos. Para Martino (1985), está relacionado à invariância, sendo que as características do objeto tridimensional, não se modificam



geometricamente sobre a superfície chapada da imagem revelada. Resumindo, a imagem fotográfica “não é a realidade, mas pelo menos, sua perfeita analogia e é exatamente essa perfeição analógica que geralmente define a fotografia.” (BARTHES 1961, p 128 apud SANTAELLA e NOTH)

A indexialidade da fotografia é o vestígio de uma experiência, uma lembrança. Barthes (1980) cita características que comprovam a indexialidade da fotografia: (1) A casualidade da relação imagem objeto. Já que a foto é “uma emanção do real e do passado”; (2) a temporalidade da função referencial, pois o “aconteceu assim” é um noema da fotografia (3) a relação parps-pro-toto entre imagem e realidade, pois “poder-se-ia considerar que a fotografia tem sempre seus referentes como consequência e ambos [...] são ligados uma ao outro.”

A fotografia só existe a partir do momento em que é percebida e lida. Quando interpretada pelo receptor, muito desse significado se dá por conta da dimensão icônica da imagem, que possibilita a ordenação e a seleção dos códigos de reconhecimento existentes.

Pela sua percepção não inocente, mas marcada por culturas, conseguimos exercitar a interpretação pessoal. Nas palavras de Metz:

Não há nenhuma razão em supor que a imagem possui um código que lhe seja inteiramente específico e que a explique por completo. A imagem é *informada* por sistemas bem diversos, dos quais alguns são propriamente icônicos e outros aparecem igualmente em imagens não-visuais (METZ, 1973:, p 16-17).

Segundo Sontag (1986), as fotografias são provas de acontecimentos capazes de congelar a realidade, um vestígio do elemento que foi fotografado, sendo inacessível a qualquer pintura.

5. DESCRIÇÃO DO PRODUTO OU PROCESSO



Fig 1. Disponível em: [http://www.brunahavresko.com](http://www.brunahavresko.com;);

Título: Aprendendo a desorganizar um sistema

Segundo Lúcia Santaella (2007), o homem só conhece o mundo porque o representa e só interpreta essa interpretação numa outra representação, sendo que Peirce o denomina *interpretante* da primeira. Para se conhecer o homem se faz signo e só interpreta esses signos traduzindo-os em outros signos. A semiótica ou lógica deve descrever todos os tipos de signos logicamente possíveis. O signo deve afetar nossas mentes conseguindo transparecer o objeto em representação em nosso pensamento. A determinação imediata do objeto entende-se como signo, já a mediata é chamada de objeto, dessa forma a representação do objeto é determinada por um modo e uma capacidade.

O signo para Peirce, tem dois objetos e três interpretantes. Sendo o objeto imediato e objeto dinâmico, interpretante em si, interpretante imediato, interpretante dinâmico. O objeto imediato encontra-se no próprio signo e esta relacionado ao objeto dinâmico (é aquilo que o signo substitui). O objeto imediato é a aparência do desenho, imagem gráfica ou paisagem, quando trabalhamos com palavras ele assume a posição



da aparência gráfica da palavra, que não possui nenhuma representação com um objeto, possa, todavia representá-la. O interpretante imediato é a significação da produção de um signo numa mente interpretadora qualquer, já o interpretante dinâmico é o que o signo produz em cada mente singular.

A imagem foi feita em sépia para não contrastar cores, evitando sensações desnecessárias. Dando contraste aos elementos diferenciados, a presença de uma criança do sexo feminino de aproximadamente um ano e oito meses, usando um colar de pérolas tradicionalmente usado por mulheres adultas, sendo dessa forma o objeto imediato analisado.

Como fundamento na análise, percebemos que a criança esta arrumada como uma boneca, e tem no seu pescoço um colar de pérolas. A escolha da menina é para simbolizar a mulher e suas influências iniciais. O colar de pérolas simboliza poder e riqueza, fatores que a criança não considera determinantes para sua vida, mas na sociedade do consumo já se torna presente. Representando o Objeto dinâmico temos a fotografia em si.

Percebemos como interpretante imediato que a atitude da menina é o que acaba tornando a fotografia artística, pois elementos montados adquirem um forte significado ao registro de um clique. A crítica é construída dentro da imagem espontânea da criança, retirando o colar de uma forma brusca que simula uma tentativa de enforcamento da mesma. A intensidade do aperto das pérolas contra a mão e os olhos fechados da garotinha revelam de forma mais drástica esse momento, intensificando a mensagem proposta.

A análise dos interpretantes mostra que a formação inicial ocorre por meio de manipulação da criança perante uma construção da sociedade do consumo. O ato da criança tirar o colar e a forma como ela puxa esse elemento, remete as primeiras impressões do homem, que tira para longe tudo que o incomoda. Na origem do ser humano, ele só consegue ver as coisas essenciais para sobrevivência e nesse caso o colar enrolado no pescoço, não tem utilidade alguma a não ser incomodar. Mas como isso seria visto daqui a alguns anos pela mesma menina que nega o colar das fotos?

A fotografia: Aprendendo a desorganizar um sistema, é a representação de uma sociedade do consumo, revelando um contraste de elementos que representam a



riqueza social contra a ingenuidade de uma criança que se fortalece por ainda não ter sido influenciada pela cultura consumista.

6. CONSIDERAÇÕES

As imagens recriam a realidade do nosso mundo com o objetivo de revelar todos os ângulos existentes. Assim, a fotografia aproveita para recriar vida, lugares e passagens da história que podem nos mostrar diferentes percepções sobre determinadas temáticas, por unir todas as sensações existentes num olhar.

O homem contemporâneo é o enredo da imagem analisada, suas atitudes formas e criações se entrelaçam e se perdem no seu vazio existencial. Em uma sociedade que prefere o parecer ao ser, encontramos a constante busca por perfeição e pelo entendimento de quem realmente somos. Norteados por uma sociedade do consumo, que mostra seus sentimentos e emoções por meio de objetos, num mundo que se vende e destrói suas raízes.

Dessa maneira, percebemos que a foto proposta no trabalho tem o objetivo de abalar o público, seja pela sua ousadia, ou até mesmo por sua beleza. Revela uma batalha do luxo, com a inocência infantil.

Em uma época que se promove a obsessão pelo encaixe social, em que compramos tudo e acabamos com o essencial. Percebemos na imagem a tentativa de conseguir emocionar o público, despertando sentimentos, mostra que a fotografia artística é eficiente, pois levou às pessoas a reflexão .

A imagem choca transmite e principalmente revela. Por meio de polêmicas, críticas e elogios a fotografia se destaca e fixa o olhar atento do público. Vira comentário entre os observadores e chama atenção dos críticos. Este impacto nos revoluciona, marcando fixamente nosso olhar e atenção alcançando o objetivo da arte fotográfica em si.

7. REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS



METZ, Christian. Além da analogia, a imagem. **In: A análise das imagens. Seleção de Ensaios da revista Communications.** Novas Perspectivas em Comunicação, 8. Petrópolis: Vozes, 1973.

SANTAELLA, Lúcia & NÖTH, Winfried, **Imagem:** cognição, semiótica, mídia. São Paulo: Iluminuras, 2001.

BUSSELE, Michael, **Tudo sobre fotografia.** São Paulo: Editora Pioneira, 1990

SANTAELLA, Lúcia. R. **O que é semiótica.** Disponível em:
<<http://www.portaldetonando.com.br> Acesso dia 12/03/09>